

# O que fazer de seu corpo?

**CRISTIANA PITTELLA**

O que singulariza o corpo do UOM é a incidência contingencial da língua sobre o corpo. J.-A. Miller<sup>1</sup> nos mostra como o corpo oferece a sua matéria, a sua realidade, ao significante. E Lacan não cessou de escrever o processo de elevação ao significante, a *Aufhebung*, que provoca uma certa anulação da coisa. O ideal da sublimação da coisa em face do significante implica, assim, o saber incorporal.

Mas, contingencialmente, o significante também afeta o corpo, é incorporado e é causa de gozo. Essa afecção desarranja as funções do corpo vivo, cujo efeito no *falasser* é uma repercussão desse gozo fora-de-sentido, que Lacan escreve *lalíngua* de cada um. *Lalíngua* traumatiza e esburaca o corpo que, vazio, como uma câmara de eco não dá o significado do significante, o que Lacan chamou da não-relação.

Com a palavra *S.K.belo* (que lemos escabelo), essa escrita enigmática, Lacan desnuda o real com que o *falasser* se confronta e que a sublimação tenta velar. No coração do belo e do sublime, um *S.K* enigmático e fora-de-sentido<sup>2</sup>.

“O *S.K.belo* é aquilo que é condicionado no homem pelo fato de que ele vive do ser (= esvazia o ser) enquanto tem... seu corpo: só o tem, aliás, a partir disso”<sup>3</sup>. Ele *tem* um e não é um.

O corpo do ser falante está comprometido, implicando o gozo e a satisfação da pulsão. O sintoma como metáfora e formação do inconsciente sai, para entrar o *falasser* e o *sinthoma* enquanto um acontecimento de corpo. Um modo singular de fazer-se um corpo a partir dos detritos desse acontecimento de gozo fora-de-sentido.

O *S.K.belo* faz assim decair o ideal de elevação, a perfeição e a tradição, destronando a esfera de *Das Ding*. Ele é modesto e ordinário, tem mais a ver com o descostume e o imundo. Nessa montagem, restos e peças soltas não exigem o sentido e a interpretação, com o *S.K.belo* podemos pensar uma outra forma de sublimação pois, ao se entrecruzarem com o narcisismo, o corpo e o olhar estão de volta à cena.

Na arte contemporânea, ler a obra de Ernesto Neto — que se considera um autodidata —, seu gosto, nos encanta. Entre esculturas e instalações imersivas, ele utiliza materiais diversos

<sup>1</sup> Miller, Jacques-Alain. *Biologia Lacaniana. Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, 41, dez. 2004, p. 65.

<sup>2</sup> Castanet, Hervé. *Escabelo/ S.K.belo (e Duchamp). Scilicet “O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI”*. Associação Mundial de Psicanálise, Escola Brasileira de Psicanálise: Rio de Janeiro, 2016.

<sup>3</sup> Lacan, Jacques. *Joyce, o sintoma. Outros Escritos*: Jorge Zahar, 2003, p. 561.

como aqueles flexíveis que se assemelham à epiderme, as tramas e amarrações de chochês em formas orgânicas e aos sons que percutem no corpo. Suas obras podem ser tocadas e tocam o público que as penetram, elas envolvem e convidam o espectador não só a olhar, mas a sentir, experimentar e respirar.

Ernesto Neto traz no cerne de suas obras e preocupações, a natureza, o feminino e a mística. O artista falou em uma ocasião que quer que as pessoas “pensem com seus poros” e que seus objetos de arte acontecem e reverberam no mundo.

Eles são a forma de sentir a “sua própria pele” no trabalho, como se eles, ao se reproduzirem e se multiplicarem, fossem uma extensão sua, “pedaços de mim que proliferam”. Ernesto Neto agora vem optando por declarar, de forma evidente, a sua presença dentro da obra. Ele coloca no centro dela o corpo e o acontecimento<sup>4</sup>.

O belo é contemplado ao nível do *sinthoma*.

---

<sup>4</sup> [HTTPS://www.escritoriodearte.com/artista/ernesto-neto](https://www.escritoriodearte.com/artista/ernesto-neto)